

Café Filosófico

Hannah Arendt: Significado e experiência viva

Por Adriana Novaes

Apresentador Um grande desafio da filosofia ao longo dos séculos: a investigação sobre a conduta humana. De Platão, passando por Isaiah Berlin e Bernard Williams, Hannah Arendt e Albert Camus. Um panorama diverso, plural e rico de pensadores, ajudando a compreender a ética, a moral, a felicidade e o sentido da vida humana. Filosofia. Sua história, nossa vida. Tema desta série do Café Filosófico.

[**Hannah Arendt: Uma Vida Marcada pelo Século XX**](#)

Apresentadora Com foco na premissa de que a nossa forma de pensar pode determinar como agimos no mundo, alguns filósofos se dedicam a estudar esse aspecto da natureza humana.

Apresentador Uma das mais influentes pensadoras do século XX foi a filósofa Hannah Arendt. A alemã de origem judia dedicou-se ao estudo do antisemitismo e às políticas dos regimes autoritários de sua época, como o nazismo, na Alemanha da Segunda Guerra.

Apresentadora Uma grande contribuição foi buscar entender que contexto social e político pode ser capaz de produzir uma ideologia tão preconceituosa e cruel.

[**A Busca pela Compreensão: Pensamento versus Conhecimento**](#)

Adriana Novaes A Hannah Arendt se dedicou a compreender o século XX. Ela foi uma mulher que sofreu as consequências do crescimento do antisemitismo, a perseguição aos judeus, e ela vai se dedicar à filosofia, à compreensão, entendendo a filosofia como uma busca, a busca de Sócrates, a busca pelo conhecimento, a busca pelo entendimento dos fenômenos, na sua especificidade e naquilo que, no modo como nos provoca, nos instiga.

Então, ela vai ser uma grande crítica do modo como a nossa compreensão da vida e do mundo, todas as referências que nós tomamos da nossa tradição ocidental, como tudo isso entrou em colapso, com a Segunda Guerra principalmente, chegou a um ápice de um colapso político e um colapso ético. Mas ela nos convida a empreender essa aventura, que é a busca da compreensão, por essa atividade misteriosa da qual nós somos capazes, que é o pensamento. A Arendt faz uma separação, uma distinção entre conhecimento e pensamento. O pensamento, para ela, está sempre ligado à experiência viva, à relação que nós temos com o mundo, certo? Então, como é que ela faz essa trajetória? Como é que ela chega a essa concepção de pensamento, de filosofia e de compreensão e do diagnóstico do século XX, que está em jogo no século XX, que é algo que a gente herda, né?

[**O Pensamento Enraizado na Experiência**](#)

Apresentador Essa tensão toda. Eu sempre acreditei que, independentemente do quanto abstratas possam soar nossas teorias ou quanto consistentes pareçam nossos argumentos, há incidentes e histórias por trás deles que, ao menos para nós, contêm em poucas palavras o significado completo do que quer que tenhamos a dizer. O próprio pensamento forma-se a partir da realidade dos incidentes. E os incidentes da experiência viva devem se manter como referências do pensamento. Em outras palavras, a curva descrita pela atividade do pensamento precisa permanecer vinculada ao incidente. Assim como o círculo permanece preso ao seu foco e o único ganho que pode ser legitimamente esperado da mais misteriosa atividade humana não são definições nem teorias, mas a descoberta lenta e vagarosa e talvez o mapeamento da região que foi completamente iluminada em um momento fugaz por algum incidente.

A Trajetória de Exílio e Resistência

Adriana Novaes Então Arendt faz a sua trajetória, ela é judia, nos anos 30, ela comeceia a perceber o crescimento do antisemitismo e o que a incomoda particularmente é que ninguém se mostra, muitos colegas dela, uns colegas da universidade, não se dão conta da gravidade do aumento do antisemitismo. Ela vai, então, primeiro ela estudava, ela tinha se, ela se aproxima de uma organização sionista, a organização sionista alemã, presidida pelo Kurt Blumenfeld, que foi um grande amigo na juventude do avô dela. Então, nos anos 30, ela se aproxima do Kurt Blumenfeld, não entra no movimento sionista, mas entende o seguinte, aliás, é uma concepção que ela enfatiza, se ela era atacada enquanto judia, ela deveria responder como judia.

Então ela faz uma pesquisa, ela fazia o levantamento de algumas entidades que usavam esse discurso antisemita. Ela faz esse levantamento, ela é presa por causa disso. Isso já é 33, então ela fica presa alguns dias, consegue escapar, no mesmo dia ela foge de Berlim, foge da Alemanha, vai para Paris, fica sete anos em Paris, ela trabalha em instituições judaicas, especialmente ajudando crianças e adolescentes para que eles fossem para a Palestina, ela chega a fazer uma viagem dessas, então trabalha nessas entidades e ao mesmo tempo ela comeceia a perceber que o antisemitismo também está crescendo na França. Em Paris, aqueles protocolos dos sábios de Sião, uma cartilha absolutamente absurda que dizia que havia uma conspiração judaica para dominar o mundo, ela era distribuída na rua. Então, esse incômodo é crescente, ela vive isso, vivencia essa situação, até que em 40, já no início da guerra, todos os cidadãos alemães estão convocados. Ela se apresenta, naquele momento, segundo o marido dela também, eles estão separados, mulheres de um lado, homens do outro, e ela vai para o campo de Gurs, campo de internação de Gurs.

Permanece ali algumas semanas, até que, quando a Alemanha domina a França, há uma confusão ali momentânea, ela se aproveita disso e foge junto com outras, mas várias ficaram, porque não sabiam onde estavam os maridos ou a família, e essas pessoas que ficaram no campo de Gurs foram depois transferidas para Auschwitz. Arendt escapa. De uma maneira incrível, ela consegue encontrar o segundo marido, e eles empreendem uma jornada pela Europa. Eles chegam em Lisboa, ainda precisam esperar três meses em Lisboa para conseguir a documentação para finalmente entrar nos Estados Unidos, onde eles chegam finalmente, em maio de 1941.

Origens do Totalitarismo: Uma Obra Fundamental

Então, Arendt, a partir de então, ela se estabelece nos Estados Unidos, faz sua carreira acadêmica e intelectual nos Estados Unidos, trabalha numa comissão importantíssima de recolhimento, de resgate de documentos e objetos das comunidades judaicas que haviam sido extraviados pelos nazistas. Ela trabalha numa editora, a Schocken, mas, terminada a guerra, ela vai se dedicar a escrever, a fazer a pesquisa e escrever aquela que é considerada uma das obras mais importantes da filosofia política contemporânea, que é *Origens do Totalitarismo*, publicado em... Ela termina de escrever em 49, publica em 51, mesmo ano em que ela recebe a cidadania norte-americana. O que é a origem do totalitarismo? O que ela investiga é quais foram os elementos constitutivos do totalitarismo. Ela examina especialmente o período do final do século XIX e começo do XX.

O Caso Dreyfus e o Crescimento do Antissemitismo

Então, o caso emblemático desse crescimento absolutamente assustador do antissemitismo é o caso Dreyfus, um oficial judeu-francês que é acusado de espionagem e mesmo com todas as provas, inclusive, do outro oficial que realmente havia feito um trabalho como espião, mesmo assim ele é perseguido de maneira muito violenta, não fica, não pedem desculpas, esse é o episódio do famoso texto de Zola, *J'accuse*. O próprio Zola foi processado. É uma situação absolutamente absurda, de muita violência e perseguição explícita. Então, a Arendt identifica esse antissemitismo, que também cresce por vários motivos, mas por uma dificuldade também da própria comunidade judaica de se preocupar em ter uma representação política.

Porque se ela era tão atacada, e ela era cosmopolita, por definição, ela, então, será um alvo fácil no contexto de um Estado-nação ainda que está se organizando, e também de um outro fenômeno, que é o outro elemento constitutivo do totalitarismo, que é o imperialismo, que na historiografia também é chamado de neocolonialismo, que é um processo também que se dá do final do século XIX, começo do XX, que é uma violência extrema, não só uma exploração das colônias, mas também uma ocupação dessas colônias.

O Totalitarismo como Fenômeno Político Inédito

E aí, na ocupação dessas colônias, em especial na África e em especial na África do Sul, que se dá o tipo de racismo, o tipo de violência que chegará à Europa. Então ela identifica com muitos detalhes como esse processo violento, motivado por razões econômicas que desafiam o Estado-nação, as fronteiras do Estado-nação, como isso é pernicioso e vai chegar esse racismo, essa intolerância, vai chegar à Europa. Então a ideia de campo de concentração, próprio racismo, eles vão chegar e serão um instrumento desse movimento, desse regime, que ela entende, e é a característica da obra, como um fenômeno político inédito. Não se trata para Arendt de um novo tipo de tirania, de um novo tipo de autoritarismo, não. É um regime diferente. Mesmo a tirania, ela acabava com a liberdade pública, política, mas ela ainda preservava a privacidade das pessoas.

O totalitarismo não faz isso, ele destrói tudo. Se destrói a questão da privacidade, compromete também o pensamento. E diz Arendt que o pior não é o comprometimento, a

ameaça à nossa ação, mas o comprometimento e ameaça ao nosso pensamento. É isso que barra a nossa liberdade e é essa ameaça que ela percebe que está no fundamento do totalitarismo e é algo com que a gente ainda tem de lidar.

Apresentador No próximo bloco...

Adriana Novaes É uma perda da relação do ser humano com a sua própria realidade e das relações entre os seres humanos.

[A Condição Humana na Era Moderna](#)

Apresentadora De que maneira a modernidade alterou a forma da sociedade pensar? A industrialização, o avanço tecnológico, a instrumentalização das atividades humanas fizeram com que o trabalho e o consumo fossem prioridade, nos afastando dos momentos de reflexão e crítica.

Apresentador E o que acontece quando vivemos no automático, quando deixamos de questionar nossas ações cotidianas? Diz Arendt, uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar sua própria essência. Ela não é apenas sem sentido, ela não é totalmente viva.

[A Condição Humana: Trabalho, Obra e Ação](#)

Adriana Novaes Em 1958 é o ano em que ela lança um outro livro, que é aquele considerado a contribuição dela para a filosofia, que é *A Condição Humana*. Nesse livro, ela investiga as nossas atividades. E o ponto de partida desse livro é tecnologia, o que está acontecendo ali no finalzinho dos anos 50, que é o lançamento dos satélites. Então, o ser humano, pela primeira vez, se lança ao espaço. E isso tem uma ligação com toda a era moderna, a Revolução Científica do século XVII, e com o dilema em que nós nos colocamos, do totalitarismo e do novo tipo de mal que aparece.

Então, ela investiga as atividades humanas que são trabalho, então, o trabalho, a nossa produção para garantir a nossa sobrevivência, então, algo que garante o processo vital, o consumo, a ideia de produzir alguma coisa, nós consumimos para sobreviver e produzimos de novo, enfim, esse ciclo. Isso é o trabalho. A obra, que é aquilo de que nós somos capazes de criar aquilo que permanece, a estrutura que é resultado da nossa potência criativa e que fica, tem uma durabilidade, e a ação, que é aquilo de que nós somos capazes, que é a pluralidade, a condição humana da ação é a pluralidade, o fato de sermos iguais na diferença. Então, essa pluralidade, ela é o âmbito em que a gente exerce a nossa ação e a nossa liberdade política.

[A Dupla Fuga da Modernidade](#)

Esse processo foi desencadeado, a Arendt identifica, e eu vou falar já do desafio que ela percebe com a condição humana, com o Galileu. E o Galileu provoca uma dupla inversão, que tem consequências até hoje. O filósofo vai se voltar contra o eterno, porque há toda uma característica da era moderna de contestação do poder, da influência, do valor da

religião, certo? E, por outro lado, uma contestação da realidade sensível. O Galileu é aquele que vira o telescópio para fora da Terra e, portanto, ele é responsável pela matematização da natureza. Tudo começa ali, entendeu? A matematização da natureza que nos afasta, o racionalismo também do Descartes. São contemporâneos, o Galileu Galilei e René Descartes. Então, eles iniciam essa saída da realidade, certo? Esse distanciamento da realidade. Então, diz Arendt, há uma dupla fuga, uma fuga do aspecto sagrado e uma fuga da relação com o sensível. Portanto, diz Arendt, o homem moderno, ele mergulha nele mesmo.

O Perigo da Instrumentalização do Pensamento

Apresentador Pode suceder que nós, que somos criaturas ligadas à Terra e nos pusemos a agir como se fôssemos habitantes do universo, jamais sejamos capazes de compreender, isto é, de pensar e de falar sobre as coisas que, no entanto, somos capazes de fazer. Nesse caso, seria como se nosso cérebro, que constitui a condição material, física dos nossos pensamentos, não fosse capaz de acompanhar o que fazemos, de modo que de agora em diante necessitássemos realmente de máquinas artificiais que pensassem e falassem por nós. Se for comprovado o divórcio entre o conhecimento, no sentido moderno de conhecimento técnico, know-how, e o pensamento, então passaríamos a ser, sem dúvida, escravos indefesos, não tanto de nossas máquinas, quanto de nosso conhecimento técnico. Criaturas desprovidas de pensamento, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja.

O Desenraizamento Moderno

Adriana Novaes Então, Arendt identifica essa separação entre o pensamento, essa relação que nós temos com a experiência. Portanto, um ser humano é desenraizado, um ser humano que está suspenso. Então, é uma perda da relação do ser humano com a sua própria realidade e das relações entre os seres humanos. Então, nós temos aqui uma ação que é reduzida ao fazer, certo? A um pensamento que passa a ser só entendido como uma função do cérebro, o desempenho de uma função do cérebro. Portanto, temos um processo de redução de toda a nossa capacidade mental a uma instrumentalização, ao princípio da utilidade. É uma vitória, portanto, que ela chega à conclusão, a qual ela chega com *A Condição Humana*, que tudo o que a gente pode ser, toda a nossa ação, ela passa a ser reduzida à atividade do trabalho, à atividade do *animal laborans*. Nós usamos a nossa força de ação apenas para o consumo, apenas para sobreviver. E nós somos muito mais capazes do que isso. Ao mesmo tempo, a nossa atividade, que é a obra, o fazer, passa a substituir a ação. Então nós temos uma série de inversões, um processo de corrupção, digamos assim, de destruição dessas capacidades, dessas possibilidades ativas que nós temos, da nossa vida ativa.

A Questão da Propriedade na Modernidade

Faz parte disso um processo também que tem a ver com o entendimento moderno de propriedade, esse desenraizamento também se dá à nossa vida em relação ao conhecimento muito reduzida, estabelecida pelo conhecimento técnico, pelo conhecimento restrito ao know-how, a máquina que faz coisas muito mais rápidas e de um modo muito

melhor do que a gente. A Arendt fala da automação, ela chama de automação, algo com o que a gente convive, que é a questão da propriedade, né? Outro tema. Então, hoje em dia, a ideia de, que é moderna também, que ela também investiga, o livro *A Condição Humana*, também a Arendt faz uma investigação nesse livro do Marx. Ela faz uma crítica, um comentário do Karl Marx, né? O diagnóstico para ela do Karl Marx é absolutamente preciso e ela critica a resolução, né? O que o Karl Marx propõe como solução. Mas, enfim.

A ideia de propriedade, portanto, que é também uma característica moderna, ela diz respeito, com Locke, ela diz respeito ao pertencimento a algum lugar, porque por Locke foi visto como um direito natural. Então, o pertencimento a um lugar, consequentemente, a participação política que você tem, porque você pertence àquele lugar. Bom, mas hoje em dia, com a consequência do acúmulo de riquezas e a consequência do capitalismo e a consequência do modo como se lida do mercado de capitais, não é isso? Não interessa muito onde o investidor está. O que interessa é ser do ponto de onde ele estiver, se ele tem o conhecimento, a concepção dos fluxos de mercado que vai ser mais lucrativo para ele. Então, ele não tem essa relação com o lugar no qual está. Eu acho que é uma realidade, é um fato, que vai exatamente na direção daquilo para o que a Arendt está chamando atenção. Que tem a ver com esse desenraizamento, essa fuga que o ser humano empreende do mundo. Ele está separado. Ele não participa mais das questões, então a sua experiência, ela fica comprometida. Consequentemente, o seu pensamento fica comprometido.

Apresentador No próximo bloco...

Adriana Novaes Nessa destruição sistemática, que é uma característica do totalitarismo, a destruição sistemática de vidas inocentes. Como se chegou a isso.

[A Incapacidade de Pensar e o Mal](#)

Apresentadora De que nos serve um conhecimento específico, um know-how, se não tivermos mais a capacidade de pensar criticamente? Se não formos capazes de criar nossas próprias ideias, reflexões e opiniões.

Apresentador Foi essa ausência de pensamento, uma experiência tão comum em nossa vida cotidiana, em que dificilmente temos tempo e muito menos desejo de parar e pensar, que despertou meu interesse. Será que a maldade, como quer que se defina este estar determinado a ser vilão, não é uma condição necessária para o fazer o mal? Será possível que o problema do bem e do mal, o problema de nossa faculdade para distinguir o que é certo do que é errado, esteja conectado com nossa faculdade de pensar?

[Thoughtlessness: A Incapacidade de Pensar](#)

Adriana Novaes O que a Arendt percebe, então? Esse valor maior dado ao conhecimento, ao know-how, ao conhecimento técnico, em detrimento ao pensamento, ela já vai chamar, em *A Condição Humana*, de *thoughtlessness*, de incapacidade de pensar. E aí ela diz: a incapacidade de pensar é uma das características mais notáveis do nosso tempo. O que significa esse *thoughtlessness*? Vai chegar até ali os anos 60 no exame de um criminoso nazista. É uma preocupação negligente, o não envolvimento com os fatos, a indisposição

para com a realidade, o exame. A realidade, exatamente porque ela é muito complexa, ela exige muito de nós.

Então, Arendt diz que é uma característica, a maioria, muita gente, não querer se envolver com essas questões. É uma característica do nosso tempo, é um estado de coisas que, infelizmente, dificulta essa relação e essa disposição. Então, há uma confusão desesperada e há uma repetição de verdades vazias. Então, a ideia da mentira tomando conta da verdade, a opinião tomando lugar do fato, tem dois textos importantes que a Arendt trata especificamente disso, *Verdade e Política*, que está ali em *Entre o Passado e o Futuro*, e um outro texto, de *Crises da República*, sobre o que ela examina nos documentos do Pentágono.

O Mal como Questão Central do Século XX

Essa incapacidade de pensar, portanto, chega ao diagnóstico que ela faz do totalitarismo como um colapso político e do que acontece na Shoah, do Holocausto, como um colapso moral. Então ela diz, num texto "Pesadelo e Fuga", do livro *Compreender*, que o mal é a principal questão do século XX. E ela faz uma investigação da ideia de mal, tentando imaginar como que a gente pode entender esse mal que surge no século XX.

Não há, na tradição, nem na tradição da literatura ficcional, nem na tradição filosófica, nem na tradição bíblica, não há nada que tenha imaginado, tenha chegado perto do que efetivamente aconteceu da Shoah. Então, é um tipo de desumanidade, uma maldade sem... uma maldade intencional, sem que nada fosse ganho em contrapartida. Criar, construir, manter os campos de concentração era uma coisa muito custosa, absolutamente contrária ao que se faz em conflitos, em guerras. Então, de onde veio isso? O que aconteceu? Por que aconteceu? E como aconteceu? Porque se chegou a esse ponto, nessa destruição sistemática, que é uma característica do totalitarismo, a destruição sistemática de vidas inocentes, como se chegou a isso.

Eichmann em Jerusalém: A Banalidade do Mal

Logo no começo dos anos 60, ela vai passar por um momento, uma experiência, enfim, que é um criminoso nazista que é localizado na Argentina, ele fugiu para lá, adotou o nome falso e tal, ele foi localizado pela Mossad, a polícia secreta israelense, ele foi levado para Jerusalém, a Arendt fica sabendo pelos jornais desse acontecimento e ela se oferece à revista *New Yorker* como correspondente. Ela quer acompanhar o julgamento. Ela acompanha uma parte desse julgamento, que acontece em 1961, uma parte só das sessões. Ela tem uma documentação e fica, ela leva de volta, demora para escrever.

Então, ela publica o primeiro texto na revista em fevereiro de 1963. É um conjunto de cinco textos e no mesmo ano ela publica o livro *Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal*. Fora essa expressão, né? Vocês já ouviram, banalidade do mal. No subtítulo do livro, aparece uma vez só no livro, essa concepção. Só uma vez. Ela não, enfim, se dedica a investigá-lo, ela vai fazer isso depois, porque é uma tremenda repercussão, uma controvérsia muito grande, ela é perseguida, enfim, o governo israelense envia pessoas para

impedi-la de publicar, impedi-la de trabalhar, há uma perseguição mesmo, ela é criticada e, enfim, ela realmente sofre bastante.

O Retrato de um Criminoso Incapaz de Pensar

Mas por quê? *Eichmann em Jerusalém* é um livro sobre o julgamento específico. Então ela se dispõe a entender o que estava ali em jogo, os interesses de Israel também nesse julgamento, o papel dos juízes, o promotor, as testemunhas. Ela faz, ela dissecava... testemunhas, ela faz, ela dissecava e tudo, claro, todos os crimes que o Eichmann, sobre o que, ele era responsável pelo quê, na máquina nazista. Então, ela faz esse exame especificamente da figura do Eichmann. E o que ela identifica? Pelos depoimentos, pela observação, pelo modo como ele respondia as perguntas, por um documento ao qual ela teve acesso de um longo, uma longa entrevista que foi feita com o Eichmann e ela diz o seguinte que claramente ele, Adolf Eichmann, era uma pessoa incapaz de pensar, incapaz de julgar.

“Você provou que os judeus precisam ser destruídos?” “Eu não os destruí.”

Um conflito de conhecimento, um conflito de conhecimento entre sua obrigação e seu conhecimento. Você poderia chamar de separação. E uma separação consciente, em que você se separou da outra e se separou da outra.

Adriana Novaes Ela diz e foi atacada por isso, que ela leu o depoimento do Eichmann e ela gargalhava, gargalhou várias vezes. Porque era alguém, era inacreditável a diferença entre o crime bárbaro do qual ele havia participado e a própria pessoa que ele era. Então, alguém que não se dispôs a querer entender em que ele estava enfim, envolvido, o que ele ajudou a fazer, certo? Então, ela faz esse retrato desse criminoso nazista.

Compreendendo a Banalidade do Mal

Bom, essa expressão, ela vai ser motivo de muita controvérsia, de muita incompreensão, porque banalidade do mal, parece que o mal é banal, né? A banalidade é do mal? Não, a banalidade é aquilo que leva a cometer uma espécie de mal, um tipo de mal. A Arendt vai investigar, na tradição, como que a gente entendia o mal, como é que era definido o mal. Então, na literatura, ela vai lembrar de alguns personagens, especialmente do lago, de *Othello*, de Shakespeare, e o Claggart, de *Billy Budd*, do Melville. Então, são personagens que invejam alguém. E como invejam alguém, como eles sabem que não vão conseguir ser como aquela pessoa, eles destroem aquela pessoa.

Bom, mas nem essa referência da inveja a algo que se admira e que é uma grandeza, nem isso existe aqui, no caso da Shoah. Não existe isso. Então, onde está? Ela encontra uma possibilidade de compreensão desse mal no Evangelho segundo Lucas, em que aparece ali a ideia de escândalo, que é uma parte que trata do perdão. Então, se o seu irmão errar, cometer um erro, você perdoa. Se ele cometer um erro e te pedir perdão, você perdoa de novo e outra vez, e quantas vezes forem. Mas se for cometido um escândalo, essa pessoa que cometeu o escândalo, ela merece ter amarrado uma pedra no pescoço e ser jogada ao mar. Mas não se fala que mal que é.

Então é uma referência que a Arendt vê como próxima daquilo que aconteceu efetivamente. Logo depois, por conta dessa controvérsia que eu mencionei, realmente tem um texto especial que é o *Verdade e Política*, que eu já mencionei, em *Entre o Passado e o Futuro*, que é uma resposta da Arendt, a todo ataque que ela recebeu, que ela sofreu.

[Verdade e Política: Uma Relação Conflituosa](#)

Apresentador O objeto destas reflexões é um lugar comum. Nunca ninguém teve dúvidas que a verdade e a política estão em bastante más relações e ninguém, tanto quanto saiba, contou alguma vez a boa fé no número das virtudes políticas. As mentiras foram sempre consideradas como instrumentos necessários e legítimos, não apenas na profissão de político ou demagogo, mas também na de homem de Estado. Será da própria essência da verdade ser impotente e da própria essência do poder enganar? E que espécie de realidade possui a verdade se não tem poder no domínio público, o qual, mais do que qualquer outra esfera da vida humana, garante a realidade da existência aos homens que nascem e morrem. Finalmente, a verdade impotente não será tão desprezível como o poder despreocupado com a verdade?

Apresentador No próximo bloco...

Adriana Novaes O que é o pensamento? O pensamento é a conversa que nós temos conosco.

[A Vida do Espírito: Pensamento, Vontade e Juízo](#)

Apresentadora Após um acontecimento como o holocausto, que abalou o mundo, como considerar a ética e entender a política? Como lidar com a questão moral? De que forma a filosofia nos instiga a pensar sobre o ocorrido para que isso jamais se repita?

Apresentador A partir da recusa ou da incapacidade de escolher os seus exemplos e a sua companhia, e a partir da recusa ou incapacidade de estabelecer uma relação com os outros pelo julgamento, surgem os escândalos reais, os obstáculos reais, que os poderes humanos não podem remover porque não foram causados por motivos humanos ou humanamente compreensíveis. Nisso reside o horror e, ao mesmo tempo, a banalidade do mal.

[O Projeto de A Vida do Espírito](#)

Adriana Novaes Então, a banalidade do mal é a consequência possível dessa incapacidade de pensar. Então, essa compreensão do mal, essa compreensão do totalitarismo, ainda vão retornar à obra da Arendt. Ela investiga a moral porque ela tem o projeto de escrever um outro livro que é *A Vida do Espírito*, que ela não termina, ela, infelizmente, morre e falece antes, em 1975, mas ela escreve as duas primeiras partes, um livro dividido em três partes. Só que ela entendia a vida do espírito como a segunda parte de uma obra só, cuja primeira parte era a condição humana, que é exatamente o exame das atividades.

Então, em um livro, ela investiga, ela faz referência ao pensamento, o pensamento embotado, o pensamento que é, portanto, existe em detrimento, o conhecimento técnico

será exaltado em detrimento do pensamento, isso terá uma consequência na modernidade, especialmente no século XX, e *A Vida do Espírito* é o exame da nossa mente, das capacidades que a gente tem. Porque se o mal é uma incapacidade de pensar, depois de tudo que se vivenciou no século XX, então é preciso perguntar o que é o pensamento, o que é a atividade da mente, o que é a atividade do espírito. E aí, qual é o ponto de partida da vida do espírito? Bom, o caso Eichmann, o caso do Adolf Eichmann, e as questões morais, exatamente, o mal que aparece. Porque a questão é que, diz Arendt, o mal praticado no século XX, na Shoah, foi o mal praticado por pessoas que não se preocuparam em entender se elas estavam fazendo bem ou mal. Elas não se questionaram, elas não pararam pra pensar. A gente insiste muito nisso, é preciso parar pra pensar. Só parar.

O Pensamento como Diálogo Interior

E aí, como é que ela identifica, o que ela faz na vida de espírito? Ela vai investigar então de que maneira a tradição filosófica entendeu o pensamento, entendeu o querer, que é a vontade, e entendeu o juízo, certo? O que é o pensamento? O pensamento é a conversa que nós temos conosco. Quando nós saímos do barulho do mundo, digamos assim, e nós aproveitamos a nossa privacidade, o nosso silêncio, para conversarmos com nós mesmos, para exatamente imaginar como vamos responder as questões da nossa experiência. O pensamento está ligado à experiência. O pensamento é o exercício da liberdade. Então eu tenho essa experiência. A Arendt diz que é necessário ter atenção ao que a gente está vivendo. E assim a gente pensa.

Bom, então nós nos retiramos do mundo, é preciso fazer isso, porque a gente não consegue pensar no barulho. Vamos para a nossa privacidade, conversamos conosco. E aí a gente volta, não é para ficar também lá. Tem que voltar para o mundo e fazer escolhas, e começar coisas novas, certo?

Então o pensamento vai voltar lá para Sócrates. O pensamento é o dois em um, é essa conversa que nós temos, que se dá só quando estamos sozinhos, sós, no estar só. Ela entende o estar só do pensamento diferente da solidão. Solidão é a situação em que a pessoa não está nem com ela, porque ela não se identifica, ela não se questiona, que tem a ver com aquele desenraizamento que eu mencionei. Aquela fuga para dentro de si, que na verdade não é um reconhecimento de você no mundo, certo? Não é isso, não é nem o pensamento, porque o pensamento, de novo, ele é uma retirada do mundo, mas com a perspectiva de que você vai voltar, certo? Não é para você ficar ali, perdido nos seus pensamentos. É para você voltar, é para você, para todos nós lidarmos com as circunstâncias em que estamos, os desafios que se apresentam e as perguntas que são feitas por essas circunstâncias, por nossa experiência viva, certo?

A Vontade e a Capacidade de Começar

O que é o querer? O querer é a vontade, que não é muito bem vista, diz Arendt, pela tradição filosófica, porque lida com a liberdade, e a liberdade é a contingência. E qual a relação com o pensamento? O conhecimento técnico, ele quer dar, ele dá para nós uma certa segurança, né? Parece que é um controle. Todos nós, é característico da humanidade querer o controle. Diz Arendt, a gente não tem controle. A realidade não é assim. Então, o

conhecimento é parte importante, lógico, não é que ela nega de jeito nenhum. A ciência e tecnologia, não se trata disso.

Agora é preciso pensar. Nós somos mais, né? O pensamento é essa experiência lenta, vagarosa, que não apresenta resposta para todas as questões que se apresentam a nós. Mas é um esforço que lida com o significado, que lida com o fluxo da história, que é a nossa vida. A nossa vida se dá nesse fluxo. Então imaginar que ela pode ficar controlada pelo conhecimento técnico é uma ilusão. Mas é uma ilusão que muitas vezes bem serve, porque é uma ilusão apaziguadora das nossas aflições.

Bom, não adianta, a vida é aflição mesmo. Então, a vontade, que é a liberdade, que é a capacidade da mente de lidar com a nossa liberdade, ela é a capacidade que a gente tem de começar coisas novas. Aqui, Arendt vai usar como referência o Santo Agostinho. Nós não estamos aqui para morrer, nós estamos aqui para viver, o que significa começar coisas novas. Então, o uso da potência da nossa mente significa também entender que somos capazes de criar e dar respostas novas para problemas que nós mesmos muitas vezes criamos.

O Juízo e a Mentalidade Alargada

A terceira parte é o juízo. A Arendt não chegou a escrever essa parte, ela faleceu antes, mas ela deixou muitas anotações de aulas, de cursos sobre a filosofia política de Kant. E esse material foi aproveitado para compor ali a terceira parte do livro. Para falar do julgar, Arendt vai retomar o Kant, Immanuel Kant, filósofo do século XVIII, e vai tomar exatamente a terceira crítica, que é a crítica da faculdade de julgar, parágrafo 40, em que Kant fala da nossa mentalidade alargada.

O juízo para Arendt é a possibilidade da gente retornar o nosso pensamento para o mundo, tornar ele visível, certo? Essa capacidade de tornar visível o vento do pensamento. E o que o juízo é, a mentalidade alargada, ou seja, a concepção que cada um de nós tem é uma concepção muito pequena em comparação à complexidade do real. Então nós precisamos de outras concepções, de outros olhares, de outros pontos de vista para entender a realidade da melhor forma possível, porque ela sempre será fugidia, ela sempre será muito mais complexa do que a nossa capacidade individual de comprehendê-la, certo?

Então, o juízo é essa suspensão do interesse pessoal e da disposição a entender a realidade a partir de perspectivas diferentes e variadas. E a gente consegue fazer isso, é uma referência muito bonita da Arendt, que é a referência à imaginação. A nossa capacidade de imaginar é a capacidade extraordinária que temos de imaginar outras, a gente não precisa passar por determinadas circunstâncias para entender que uma pessoa como nós está sofrendo e precisa de ajuda.

A gente não precisa passar pela mesma circunstância, mas nós somos e devemos exercer essa capacidade de imaginação e imaginar o que aquela pessoa está sofrendo, aquilo pelo que ela está passando, e aí, portanto, a gente sai do nosso individualismo e dos nossos interesses e nos dispomos a entender a realidade a partir de outras perspectivas, certo? Então, o juízo é a nossa capacidade de escolha. Escolha, e vejam que Arendt entende as

capacidades espirituais em dinâmica, certo? Então, temos a experiência do mundo, temos que sair dele, parar um pouquinho, para, respira, sai do mundo, pense, converse consigo sobre essa experiência e aí nós voltamos, consideramos as concepções dos outros para escolhermos, tomarmos decisões. Consequentemente, devemos nos responsabilizar por essas escolhas que fazemos, certo? Se temos essa capacidade, todos os seres humanos têm, então, portanto, nós temos que nos responsabilizar por essas escolhas que fazemos.

O Pensamento como Prevenção do Mal

Apresentador Se o pensamento, o dois-em-um do diálogo sem som, realiza a diferença inerente à nossa identidade, tal como é dada à consciência, resultando assim na consciência moral como seu derivado, então o juízo, o derivado do efeito liberador do pensamento, realiza o próprio pensamento, tornando-o manifesto no mundo das aparências, onde eu nunca estou só e estou sempre muito ocupado para poder pensar. A manifestação do vento do pensamento não é conhecimento, é a habilidade de distinguir o certo do errado, o belo do feio. E isso, nos raros momentos em que as cartas estão postas sobre a mesa, pode sem dúvida prevenir catástrofes, ao menos para o eu.

Adriana Novaes O pensamento é essa capacidade de distinção, como eu mencionei há pouco. Muitas pessoas que cometem mal não se preocuparam em fazer o exame do que elas estavam fazendo, as consequências dos seus atos, certo? Então quando há essa disposição de exame, quando há esse comprometimento com a nossa capacidade de pensar, nossas capacidades espirituais, há uma grande chance de pelo menos nós, as pessoas que se dedicam a isso, se entendem a importância dessa dedicação, elas conseguem escapar, certo?

Elas não cometem o mal. Mas também é importante dizer que essa possibilidade do mal não é uma característica que está em todos nós, não. Mas é algo que pode acontecer em decorrência dessa falta de atenção, essa potência que temos e a ligação dessa potência com a experiência viva, certo? O pensamento é algo vivo, a Arendt chama de pensamento de atividade, certo? É algo que a gente precisa se dedicar.

Amor Mundi: A Reconciliação com o Mundo

Apresentadora O resultado da compreensão é o significado que produzimos em nosso próprio processo de viver, à medida em que tentamos nos reconciliar com o que fazemos e sofremos.

Homens em Tempos Sombrios

Adriana Novaes Então vejam, todo esse quadro, bastante, porque é assustador e sombrio, a Arendt tem um livro também, intitulado *Homens em Tempos Sombrios*, ela vai examinar várias figuras que, com a exceção de uma pessoa só, todos viveram o horror do século XX, a era da catástrofe, como chamou o Eric Hobsbawm, a primeira metade do século XX. Mesmo assim, esse esforço, vejam, a Arendt nos chama, nos convida, nos estimula a recuperar, a pensar, a retomar essas capacidades mentais, essas capacidades espirituais.

O Cultivo da Vida do Espírito

Então, ela faz isso, quer dizer, a vida do espírito, o cultivo da vida do espírito, leva à busca por compreensão, compreensão não é perdão, compreensão é entender e mergulhar e se dispor às coisas como elas realmente são e como elas realmente acontecem, e assim, dando significado também, muito bonito, que é o *amor mundi*. Amar o mundo. Nós estamos aqui, a vida é essa, temos essa capacidade toda, extraordinária, essa potência, então é preciso atualizar essa potência.

Exemplos e Companhias

Então, a referência que a Arendt faz é como é que cada um se salva, digamos assim, pelos exemplos e pelas companhias. Então, que busquemos bons exemplos, pessoas, vidas, enfrentamentos corajosos, de verdade, diz Arendt, as companhias, que algo também que era de muito valor para ela, as amizades. Ela dizia que ela amava os seus amigos. Então, o amor aos amigos, o amor às pessoas queridas, a atenção à escolha dessas pessoas que a gente resolve ter como referências na área da arte, no âmbito intelectual, que nos acompanham, que nos aconselham, e a partir disso ter uma visão mais abrangente, mais profunda, e assim dar um significado verdadeiro e mais potente para a nossa vida, certo? Para a nossa vida, vida ativa, vida do espírito.

O Convite à Reconciliação

Então, ela nos convida, essa vida, essa compreensão é uma reconciliação com o mundo e a gente pode até dizer é uma reconciliação com a própria capacidade do ser humano. Se nós nos, espero que tenha ficado claro, essa identificação de um processo histórico em que essas capacidades elas vão ficando, elas vão se comprometendo, elas vão ficando, elas vão se comprometendo, elas vão ficando, enfim, são diminuídas, são podadas, que essa clareza quanto a esse processo faça com que, claro, o exame das consequências possíveis dessa incapacidade de pensar, dessa potência, e, portanto, que a gente se reconcilie com a vida, se reconcilie com o mundo, se reconcilie com a política, e que a gente, portanto, possa olhar para o futuro e voltar para o mundo.

O Retorno ao Mundo

Arendt vê um distanciamento e uma fuga do mundo, e não são poucos os instrumentos que a gente consegue identificar de fuga. Desde que a Arendt faleceu, esses modos de fuga, eles proliferaram, até por conta da própria tecnologia, certo? Então, é preciso voltar, se reconciliar e tomar o mundo como o âmbito da nossa experiência viva, do nosso pensamento, da nossa vida do espírito.